

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHÓLICO

REDACÇÃO

Sede social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar

GUIMARÃES

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Uimaranense

Rua de Payo Galvão

Ecce iterum . . .

Desde que a Santa Sé se pronunciou sobre a campanha que aqui levantamos e largamente sustentamos contra os graves erros da *Voç de Santo Antonio*, pusemos ponto na lida. Nem sequer fizemos commentários—que tantos e tam interessantes se podiam fazer—ao documento pontificio, que vinha justificar e coroar os nossos amargos esforços.

Neste procedimento manifestamos mais uma vez qual a intenção que em toda a campanha nos moveu: a de pôr cõbro ao erro e fazer triumphar a verdade. Alcançada essa grande victória, não tínhamos que tripudiar sobre a derrota dos partidários do erro. Toda a nossa ambição, nesse ponto, tem sido que, assim como a auctoridade externa da Igreja acudiu a impedir as expansões do mal, assim a graça de Deus illuminasse interiormente e convertesse a melhor caminho os seus auctores.

Apesar de ser tal o nosso firme propósito, não renunciávamos—como não renunciámos—ao direito e dever de combater novos desmandos, se por desgraça algum dia se viessem a dar. E esse dia chegou depressa: foi o caso do prægador de S. Vicente, a que se referiu o nosso collaborador S. da Cruz (*Restauração*, n.º 281).

Quisérámos porém não voltar ao assumpto, aliás gravíssimo, lèvemente attingido pelo nosso correspondente. Mas os mais interessados em que sobre o caso se fizesse silêncio, movidos não sabemos por que vento de insanía, teimam em nos provocar para a liça. A elles deixamos todas as responsabilidades do seu procedimento: da nossa parte, não podemos deixar de acudir em defesa da verdade, principalmente quando o nosso silêncio—por sermos directamente chamados—seria uma pública confirmação da falsidade.

Assim, temos de responder hoje a dois documentos em que a verdade e o nosso bom nome sam grandemente offendidos. Um foi publicado no *Portugal* de 10 do corrente, em *A Palavra* do dia 11, e ainda em mais algures, e é assignado pelo sr. P.º Augusto de Araujo, superior dos sacerdotes que têm publicado os erros por nós combatidos. O outro foi publicado em alguns periódicos de Braga e tambem nos foi enviado a nós pelo auctor, que é o rev. P.º Bartholomeu Ribeiro.

Segundo as praxes da nossa lealdade, transcreveremos esses dois documentos, appensando-lhes breves respostas. Algum leitor, que achar o assumpto fastidioso, não precisa do nosso conselho para passar adeante.

DECLARAÇÃO E PROTESTO

O abaixo assignado, Superior do Instituto Missionario Portuguez, impellido pelas reiteradas instancias de alguns amigos seus, e do Instituto, que representa, afim de desmentir certos boatos falsos e calumniosos, de que alguns periodicos catholicos têm sido echo, vem por este meio declarar:

Que tanto elle, como todos os membros do Instituto Missionario Portuguez, se sujeitaram incondicionalmente, e sem reserva de nenhuma especie, á Auctoridade Pontificia, que ordenou a suspensão da *Voç de Santo Antonio*.

Com esta declaração toma a liber-

dade de protestar em seu nome, e em nome dos seus subditos:

1.º—Contra certos ditos e factos, que lhes têm sido attribuidos, por serem caluniosos, e totalmente destituídos de veracidade, e declina toda a responsabilidade de quaesquer asserções, que algumas pessoas, muito embora afeiçãoadas ao Instituto, por um zelo porventura menos discreto, tenham feito em particular, ou em publico.

2.º—Contra a calumnia divulgada, em dois periodicos catholicos, a respeito da pregação de um Padre deste Instituto, attribuindo-lhe phrases que, tudo considerado, não podia proferir e o que peor é, assacando-lhe intenções, que nenhum sacerdote catholico poderia ter e contra as quaes está o testemunho dos que assistiram ao sermão, e que affirmam não ter havido da parte d'aquelle prægador nenhuma expressão, que revelasse menos respeito para com a Santa Sé, e prova d'isso é o silencio e respeito com que o sermão foi ouvido sem que fosse preciso a imaginaria intervenção do rev.º Capellão, como falsamente ousa affirmar a «*Revista Catholica*», de Vizeu.

3.º—Contra o boato, de que um d'esses periodicos tambem se fez echo, acerca da quebra de relações, entre os membros do Instituto de Varatojo e os seus irmãos de Montariol. E' falso absolutamente falso, e tendencioso tal boato, pois que a união entre todas as casas do Instituto não pode ser mais edificante.

4.º—Contra a asserção d'esses mesmos periodicos, que com ella parece pretenderem indispor os catholicos contra este Instituto, e segundo a qual a declaração feita pelos antigos redactores da *Voç de Santo Antonio*, no *Portugal*, fóra pœira para lançar nos olhos dos pacovios. Repellimos como falsa e insultuosa tal asserção, que é absolutamente contraria á nossa qualidade de homens honestos, e aos nossos principios catholicos e religiosos.

Lavrando este publico protesto, o signatario em seu nome, e no de todos os seus subditos, pede a todos paz e caridade, para que assim possamos fructuosamente trabalhar pelo reinado de Jesus Christo.

Padre AUGUSTO D'ARAUJO.

Como resposta a semelhantes affirmações limitamo-nos a archivar aqui o desmentido que mandamos para o *Portugal* (1) e para *A Palavra*. Algum desenvolvimento que tencionávamos dar-lhe, reservamo-lo para a resposta ao segundo documento.

DESMENTIDO

Ex.º Sr.:

Sob o titulo de «*Declaração e protesto*», publicou *A Palavra* de sabbado passado um escripto assignado pelo sr. padre Augusto de Araujo, em que este sacerdote faz certas referencias e affirmações a respeito de dois periodicos catholicos, um dos quaes, embora não nomiado, é evidentemente *A Restauração*, como foi geralmente entendido. Ora, como as graves accusações que aí se nos fazem sam menos verdadeiras, nós, para restabelecimento da verdade e defesa do nosso bom nome de escriptores sérios, vimos pedir a V. Ex.º favor e a justiça de publicar no proximo número de *A Palavra* o seguinte desmentido, no qual seguimos a ordem das referencias e affirmações do sr. padre Augusto de Araujo.

1.º—E' falso que nas columnas do nosso semanario se attribuissem jámais aos subditos do sr. padre Augusto de Araujo ditos ou factos «*caluniosos*» ou «*destituídos de veracidade*». O modo generico como o sr. padre Augusto de Araujo accusa, neste ponto, os periodicos catholicos a que se refere, não nos permite desmentidos singulares, nem sequer provar este nosso desmentido generico: prova que aliás não é necessaria, porque o sr. padre Augusto de Araujo se contentou com accusar sem provas. Mas digno-se o sr. padre Augusto de Araujo especificar as accusações que no seu primeiro número a nós se refiram, que logo acudiremos a desmentil-as ou a explicar-nos. Se o não fizer, fica assente, como acima dizemos, que accusou falsamente.

(1) O *Portugal*, até esta data, ainda não publicou. Mas não o supponmos capaz de se negar á publicação do desmentido de falsidades que em suas columnas admittiu.

2.º—E' uma calumnia dizer que o nosso semanario divulgou uma calumnia, quando criticou o modo inconvenientissimo como um dos subditos do sr. padre Augusto de Araujo alludiu, no pulpito de S. Vicente, em Braga, (no dia 15 de maio passado), á carta em que o Summo Pontifice se queixava dos graves erros e males causados pela *Voç de Santo Antonio*, mandando-a suspender. Se um facto destes se pudessem inventar e ser transmittido para toda a parte em correspondencias particulares e andar nos labios de toda a gente e ser publicado em varios periodicos, sem o protesto immediato das pessoas entendidas que ouviram o prægador, então não havia coisa nenhuma na historia que pudesse merecer credito. Que houvesse no templo muitas pessoas que não attingissem o alcance das palavras do orador, é naturalissimo, é certissimo. Essas podem prestar o seu nome para um desmentido, com que se pretende lançar a duvida sobre a affirmação dum facto de gravidade extraordinaria. Mas desmintamo-nos o sr. padre Augusto de Araujo com o testemunho dos ouvintes que estavam em condições de medir o alcance das palavras incriminadas como offensivas da Santa Sé. O sr. padre Augusto de Araujo sabe muito bem qual é, por exemplo, o testemunho do digno capellão, que presidia á solemnidade.

3.º—E' uma calumnia dizer que um dos taes periodicos (*A Restauração*) se fez echo do boato «*acerca de quebra de relações entre os membros do instituto do Varatojo e seus irmãos de Montariol*». Em *A Restauração* fallou-se de «*relações de solidariedade*» com o espirito de rebeldia manifestado pelo sermão de S. Vicente e por outros factos authenticos, e não de quebra de relações em geral, como diz o sr. Padre Augusto de Araujo. E não se deu curso a tal boato—elogioso para os Varatojanos—sem autorizadas abonações: mas, se o sr. padre Augusto de Araujo entende que existe a solidariedade que o boato negava, não podemos embargos ao seu testemunho.

4.º—Quanto ao ultimo ponto, negamos que seja «*falsa e insultuosa*» a apreciação que *A Restauração* fez da declaração publicada na imprensa pela redacção da extincta *Voç de Santo Antonio*. Appellamos para o mesmo sr. Padre Augusto de Araujo. *A Restauração* disse que tal declaração «*não é retratação nem tam pouco reconhecimento dos erros publicados*»; e o sr. Padre Augusto de Araujo, reeditando-a no escripto que estamos desmentindo, diz «*que tanto elle como todos os membros do Instituto Missionario Portuguez, se sujeitaram incondicionalmente, e sem reserva de nenhuma especie, á auctoridade Pontificia que ordenou a suspensão da Voç de Santo Antonio*».

Ora aceitar—ainda que seja incondicionalmente e sem reserva de nenhuma especie para com a Auctoridade Pontificia—á suspensão da revista não é reconhecer que nella houvesse erros, nem menos retratá-los. E não se pode dar outra interpretação razoavel aos termos da declaração, que apenas se refere á suspensão, quando a parte mais importante e mais terminante do documento pontificio é a que se refere aos erros.

Não pode pois o sr. Padre Augusto de Araujo chamar «*falsa*», e muito menos «*insultuosa*» á nossa apreciação; pois é a unica que razoavelmente se pode fazer. E tanto é certo que os termos da declaração não sam sequer ambiguos, que o sr. Padre Augusto de Araujo, se daí viesse a «*falsa*» interpretação que lhes demos, resolveria o caso com uma pennada, ao reeditar agora a declaração, acrescentando, bem explicitamente e de forma que tirasse todas as duvidas, que reconhecia e reprovava todos os erros que o Papa reprovou: mas não o fez.

Pela publicação destas linhas se confessa muito reconhecida

Guimarães, 12—6—910.

A Redacção de «*A Restauração*».

Quanto ao documento do sr. P.º Bartholomeu Ribeiro, devemos declarar que, na transcrição, respeitamos fielmente não só a construcção, mas tambem a orthographia do manuscrito que sua rev.ª se dignou mandar-nos. Não intercalamos um (*sic*) senão em alguns casos em que mais se poderia suspeitar de que alterássemos o original.

O enorme escandalo do prægador de S. Vicente em Braga

Tendo conhecimento á (*sic*) dias dum artigo publicado no jornal a *Restauração* de Guimarães, no seu numero de 25 de maio findo, e de outro publicado pela «*Revista Catholica*» de Vizeu, a 28 do mesmo mês, artigos em que seus auctores me fazem accusações gravissimas, offensivas da minha dignidade (*sic*) de sacerdote e de missionario religioso, e que fizeram um certo rebolico em Braga, vejo-me obrigado a esclarecer o publico desta cidade acerca (*sic*) do assumpto.

Neste ponto, concedemos uma coisa e negamos duas. Concedemos—e archivamos que o sr. P.º Bartholomeu tambem o reconhece—que sam «*accusações gravissimas*» as que se fizeram ao orador de S. Vicente. Negamos porém que fossem os artigos da imprensa, escriptos dez e treze dias depois do facto incriminado, quem produzisse o tal «*rebolico*»: antes os artigos da imprensa foram effeito delle. Tambem não é verdade que o «*rebolico*» fosse produzido só em Braga; pois o foi em toda a parte aonde chegou o conhecimento do extraordinario facto.

Diz a «*A Restauração*» que pregando eu, no dia 15 de maio, na capella de S. Vicente, referendo-me ao misterio do dia (Pentecostes) dissera estas palavras: *O Espirito Santo inspira a S. Pedro e a seus successores mas não inspira os seus secretarios, os seus famulos, os seus conselheiros, nem os jornalistas, etc etc*.

Não é verdade que *A Restauração* attribuisse ao orador *aquellas palavras*: nenhum dos documentos em que a esta redacção veio a noticia do caso, tinha a pretensão de reproduzir verbalmente os ditos do prægador. E tanto não houve intenção de dar áquillo o valor dum citação verbal, que se omitiram os signaes graphicos com que costumamos indicar taes citações. Fez-se a reproducção substancial do pensamento do orador; reproducção, cujo maior defeito foi substituir por «*etc., etc.*» umas affirmações exclamativas, energicamente entoadas, com que o prægador accentuou a expressão do seu pensamento: que o Espirito não foi prometido «*a mais ninguém!*... A mais ninguém!...»

A «*Revista Catholica*» que eu eu tenha dito: *Meus irmãos: celebramos hoje a festa em que o Espirito Santo veio sobre S. Pedro e seus successores, tornando-os infalveis. Mas reparaes bem: infalvel é só S. Pedro e seus successores e não os seus famulos, nem os seus secretarios, nem os que os rodeiam*.

Notada a differença dos dois textos declaro que nem um nem outro é meu. O que eu disse, fazendo a introdução á predica desse domingo, foi o seguinte que copio fielmente do manuscrito que fiz para esse fim o qual tem a data de 13-5-1910-e que tenho a consciencia de ter pregado com fidelidade:

Quanto á differença dos textos, embora só nos caiba responder pelo que aqui se publicou, entendemos que fica sufficientemente explicada em nossa nota anterior. E essa differença, longe de tirar auctoridade ás accusações, antes a augmenta. Se fosse possível inventar um caso destes, tudo fazia esperar que a noticia fosse communicada para toda a parte nos mesmos termos; como fez o sr. P.º Bartholomeu com o seu supposto exórdio.

Chamamos-lhe «*supposto exórdio*», porque: 1.º Sabemos, após minuciosas e segurissimas informações a que procedemos, que

tal não foi o exórdio proferido pelo prægador; 2.º ninguém acredita que um orador com o largo uso do pulpito de que o sr. P.º Bartholomeu mais abaixo se gloria, fosse escrever e decorar uma simplez pratica destinada a um modesto auditorio de pessoas devotas, nos exercícios do mês de Maria.

Estabelecido isto, que nos abstermos de commentar, podemos abster-nos tambem de fazer commentários ao supposto exórdio.

«*Christãos: Celebra hoje a Santa Igreja a realização daquella promessa feita por Jesus aos seus apóstolos, nas vésperas da sua gloriosa Ascensão: recebeis o Espirito de Verdade que procede do Pai*».

Promette Jesus a seus apóstolos o Espirito de Verdade; mas para que esta verdade prometida por Elle se não confundisse (*sic*) com a verdade do filosofo, nem com a verdade de jornalista, nem com a verdade de orador, nem com a verdade do parlamentar, conferencista ou meetingueiro, nem com a verdade do politico, acrescentou, a *Verdade que procede do Pai*. E esta Verdade que procede do Pai — a verdadeira, a unica verdade—só a promete a Pedro e a seus successores, e aos apóstolos e a seus successores, isto é, ao magestério (*sic*) da Igreja, e a mais ninguém. A mais ninguém.

Depois da Ascensão do Salvador, os apóstolos e discipulos recolheram-se ao Cenaculo de Jerusalem e prepararam-se para a realização dessa grande promessa de Jesus com dez dias de fervorosa oração.

Deixae-me notar aqui uma circunstancia, pois a notou tambem S. Lucas nos actos dos Apóstolos: os Apóstolos prepararam-se para receber o Espirito Santo—o Espirito de Verdade que procede do Pai—orando constantemente durante dez dias; mas orando sós? Não. Orando com Maria. *Hi omnes erant... cum mulieribus et Maria matre Jesu*.

Bem se vê que a oração dos christãos dobra de valor quando é dirigida, ao ceu conjuntamente com as orações de Maria Santissima. E vós comprehendes, christãos, o valor grandiosissimo destas preces publicas, que durante este mês aqui vimos dirigir a Deus por intermedio (*sic*) da Mãe de todo o Christianismo.

Mas não basta isto. A oração para ser eficaz—para ser a omnipotencia da nossa fragilidade—como procurei demonstrar-vos no passado domingo, nesta mesma occasião, deve ser isenta de certos vicios que importa conhecer e debellar.

Muitas vezes as nossas orações não são ouvidas porque nós somos maus, porque pedimos mal, porque pedimos o que nos é mau: *mali, male, mala petimus*. Eis os tres inimigos da oração.

Vou hoje desmascarar o primeiro: *mali petimus*.

Dos outros dois fallarei nos domingos seguintes.»

Todos vêem aqui uma coisa desconnexa, violenta, architectada adrede para diluir as expressões escandalosas que feriram a alma dos ouvintes.

Evidentemente estas palavras não são desrespeitosas para com a Santa Sé. Demais eu não tive outra intenção ao prèga-las, que não fosse fazer allusão á festividade do dia e lega-la (*sic*) ao meu assumpto.

Se os articulistas dos citados jornaes pozeram maldade nas minhas palavras não tenho culpa nisso. Eu não lh'a puz, nem ninguém que me ouvisse com recta intenção.

Disseram mais os ditos jornaes que *o modo de dizer, a occasião a pessoa que o disse* bem revelaram as minhas intenções; que produziram enorme escandalo no auditorio.

A isto tenho apenas que dizer que muitas famílias que assistiram e o mesmo Rev. P.º Capellão de S. Vicente declararam não terem dado por tal escandalo.

Omittindo outras considerações a que estas palavras dam margem, diremos que não foram os articulistas quem pôs a maldade no procedimento do orador; pois não fizeram mais do que traduzir o que andava de bocca

em bocca. Nem tampouco foram os ouvintes do sr. P.º Bartholomeu os culpados, por que tinham direito de julgar dos sentimentos do orador pelas claras manifestações que delles fazia.

Quanto a haver pessoas que não deram por tal escândalo, parece que o sr. P.º Bartholomeu entende que, para haver escândalo, era necessário que houvesse bulfício, gritos ou outras semelhantes manifestações ruidosas. Refresque o articulista a ideia que geralmente se faz do escândalo, e concordará em que o pode haver, e até enorme, sem perturbação da ordem por parte dos ouvintes.

E' igualmente falso que o mesmo Rev. P.º Capellão horrorisado com o cynismo impio do pregador, o fitou com olhos de justa indignação e ia mandalo calar e descer do pulpito, como afirmou «A Revista Catholica»: o mesmo Rev. P.º Capellão está prompto a desmenti-lo.

Não temos procuração da Revista Catholica, nem o seu illustre redactor precisa de advogados: mas, como o sr. P.º Bartholomeu quis que publicássemos aqui estas linhas, algo diremos.

Que o digno capellão ficou viva e dolorosamente impressionado com o procedimento do pregador, sabemos que é a pura verdade. Que lhe lançasse um olhar significativo do seu estado de alma, é naturalissimo, e sabemos que é verdade. Que estivesse para o mandar calar e descer do pulpito, ignoramo-lo; mas parece-nos que isso pouca importância tem. O que é importante é saber que o Rev. Capellão tinha motivo para fazer o que se lhe attribue. Compreendese, sem desdouro para o seu zelo, que o não fizesse. Na situação tam inesperada, tam anormal e de tam pouca duração em que o seu animo então se encontrou, entende-se bem que hesitasse em tomar uma decisão violenta. Mas —repetimos—, se faltou tempo para uma resolução prudente, não faltou motivo para intimar ao atrebatado pregador um solemne «descenda e suggestu!»

E' tambem destituido de fundamento o dizer-se que me vi obrigado a mudar de assumpto attento o escândalo do auditorio e a attitude do Rev. P.º Capellão; pois o mesmo auditorio é testemunha de que eu no domingo anterior, lhe annunciara o assumpto — a oração— para o domingo seguinte dando-lhe até, nessa occasião, a devissão (sic) sumaria delle.

Isto de o sr. P.º Bartholomeu, já antes da pratica do domingo anterior, ter preparado a pratica do domingo do Pentecostes a ponto de poder apresentar aos seus ouvintes o summário desta, coaduna-se mal com a historia do manuscripto feito na ante-véspera do Pentecostes. Quando se não está em bom terreno.....

Quanto aquella affirmação da A «Restauração»: um religioso de Montariol já bem conhecido já bem conhecido pela liberdade com que ensina as mais erradas doutrinas, e em que sou visado, só tenho que dizer que tenho exercido o ministerio apostolico nas dioceses de Portalegre, Guarda, Lisboa, Lamego, Bragança, Porto e Braga, principalmente nestas duas, e até esta data, por mercê de Deus, ainda não fui censurado ou mesmo avisado por qualquer auctoridade ecclesiastica ou religiosa, nem por amigos ou estranhos por causa da minha doutrina ou costumes. Por isso extranho que sendo-me lançada em rosto, pela primeira vez, e em publico, tão grave accusação, os meus detractores não tenham apontado documentadamente quaes os meus erros quando e onde os préguei, visto, como dizem, que tão conhecido sou já pela minha liberdade em os prégar.

O sr. P.º Bartholomeu interpretou mal as palavras de A Restauração, que cita. Se a consciencia lhe diz que, onde está o verbo «ensinar» devia estar o verbo «prégar», tambem a reflexão lhe devia dizer que ensinar nem sempre é prégar.

Quanto à sua estranheza de que o nosso collaborador lhe não apontasse os erros a que alludia, a nossa primeira tentação foi dar-lhe plena satisfação. Queremos porém suppor que o articulista escreveu aquelle periodo menos reflectidamente. Mas, se tal estranheza se

lhe não dissipar, queira ter o pequeno encómmodo de assim no-lo dizer: e verá—e verão os leitores todos—largamente satisfeita a sua imprudente curiosidade.

A' accusação geral de insubordinação (sic) feita a mim e aos meus confrades relativamente ás ordens da Santa Sé, só direi que já demos testemunho publico da nossa obediencia e acatamento.

Não fizemos retratação de erros porque não nos foram enumerados nem especificados pela auctoridade ecclesiastica.

Estamos prontos a faze-lo submissamente, quando isso nos for significativo, (sic), por quem tem auctoridade de nos censurar.

Quanto ao tal testemunho publico de obediencia e acatamento, deixamos dito noutro logar o que elle vale.

Quanto ao reconhecimento e retratação dos erros, lembramos ao articulista que, para haver, nesse particular, uma submissão louvavel, não é preciso que a Santa Sé enumere nem especifique os erros. Sabe toda a gente que a maior parte dos escriptos condemnados o sam em globo: o que não impede admiraveis e edificantes exemplos de submissão, quando no espirito dos auctores ha a simplicidade filial e a nobre humildade que forma o caracter christão.

Archivamos todavia que a decantada declaração publicada na imprensa—ainda assim, tarde e a más horas, para demonstrar a promptidão da obediencia e submissão—não abrange retratação de erros. Esta, pelo visto, só se fará, quando a Santa Sé se decidir a fazer um Syllabus para cada auctor ou para cada escripto.

E venha o sr. P.º Augusto de Araujo queixar-se de que é «falsa e insultuosa» a interpretação que se deu à manhosa declaração.

Declaro, para concluir, que muito desejava que os jornaes catholicos e não catholicos não obrigassem a mim nem a nenhum dos meus confrades a quebrar o silencio que nesta questão nos impozemos, para proveito commum da causa catholica em Portugal.

Braga—Montariol 10—6—910
P.º BARTHOLOMEU RIBEIRO

Tambem desejamos concluir. Mas não o faremos sem exprimir um singelo reparo.

O sr. P.º Bartholomeu appella mais do que uma vez para o testemunho do digno capellão de S. Vicente, em coisas de nada. Por que será que não appella para elle relativamente ao facto principal de ser ou não ser aquelle o exórdio que o orador proferiu?

Conclusão. O sr. P.º Bartholomeu Ribeiro, vindo à imprensa, prestou, apesar das suas intenções, um bom serviço à verdade. Mas, quanto aos fins que se propôs, perdeu—bem como o seu superior, o sr. P.º Augusto de Araujo—uma excellente occasião de estar calado.

«A fé é a consolação dos miseráveis e o terror dos felizes do século.»

Vauvenargues.

JUSTIÇA!

Consta que o subinspector sr. Justino Ferreira, para contrapôr ás accusações que receia, talvez, nós vamos fazer-lhe aqui, promove um abaixo assignado entre os professores do seu Circulo escolar—como attestado ou coisa que o valha, da correcção e justiça com que tem desempenhado as suas funções!

Não acreditamos. Fazemos melhor conceito do tacto e prudencia do sr. Ferreira.

Muito triste é a situação de um superior, quando precisa mendigar a assignatura dos seus subordinados para provar a sua bõa conducta!

Um tal documento é sempre

contraproducente por mil e uma razões e mais esta:—é que ninguém acreditaria na espontaneidade dos subscriptores!

Todos sabemos qual possa ser a independencia dum pobre funcionario mal pago, sobrecarregado, muitas vezes, de familia, lutando com mil dificuldades domesticas, sonhando sempre, em terriveis pesadelos, com a má vontade do chefe, com uma perseguição injusta, com uma transferencia inesperada, que representa uma calamidade no pobre menage...

Que effeito moral poderia produzir um abaixo assignado de subordinados em favor dum chefe temido, se não odiado?

Não teria mais que uma tristissima significação:—que o superior se valeria, talvez, da sua auctoridade e por coacção obteria um documento em seu favor, assignado pelas suas victimas!

E mesmo que assim não fosse, não deixaria de se tornar suspeito um documento dessa natureza, que é sempre deprimente para o superior que o solicita.

Temos conversado com muitos subordinados do subinspector sr. Ferreira; temos ouvido as queixas de muitos delles e sabemos o que pensam intimamente a seu respeito e a sympathia que a quasi todos merece.

Mas não nos suprehenderia ver amanhã esses pobres funcionarios desprotegidos — porisso mesmo que o sam — subscreverem um elogio ao seu tyranno, pois que, neste país, tem-se como axiomático — que a corda quebra pelo mais fraco — e que a respeito de justiça... scilicet!

Ora nós, que não temos qualquer má vontade contra o sr. Justino Ferreira e que, francamente, folgaríamos de ver s. ex.º illibado de todas as coisas desagradaveis que por ahí correm a seu respeito, tomamos a liberdade de dar-lhe um conselho:

Em logar de um attestado de comportamento assignado pelos professores do Circulo de Guimarães, que a opinião publica pode considerar coactos, apresente s. ex.º um abaixo assignado dos professores seus ex-subordinados do circulo de S. Pedro do Sul, onde deve ter deixado memoria de funcionario probo, correcto e benevolo.

Em presença de tal documento, nós quebraremos a nossa pena de combate—se s. ex.º não quiser aproveitá-la em sua defesa!

Entretanto, vamos á nossa tarefa. Promettemos fazer, imparcialmente, a historia verdadeira dos factos que, de ha tres annos, vem aggravando a incompatibilidade do subinspector com o professorado do Circulo de Guimarães e continuaremos, imperturbavelmente, sem receio de ameaças.

Diz-nos uma alma caridosa e bem intencionada, muito nossa amiga e que afinal não assigna a sua carta, para não podermos agradecer-lhe pessoalmente, — que tenhamos cautella, porque temos imminente uma querella.

A rima é do poeta que nos previne do perigo.

Ora nós não acreditamos em tal! Primeiro, porque no que temos escripto não ha materia que constitua abuso de liberdade de imprensa; em segundo logar porque o sr. Justino Ferreira é bastante liberal para soccorrer-se da lei de imprensa afim de nos obrigar ao silencio, quando pode, no campo em que nos achamos, desfazer, pulverizar as nossas asserções—se realmente nós estamos mal informados.

Não! Indubitavelmente o sr. Ferreira não é homem que se refugie nos tribunaes...

Não acreditamos que s. ex.º proferisse tal ameaça. Fazemos-lhe essa justiça.

Mas dando de barato que s.

ex.º, num momento de colera, soltasse tam grande disparate, cremos que deve ter reconsiderado e a sua boa alma hade ter-se horrorizado com a ideia de ver-nos entre ferros de El-Rei.

Não acreditamos, por inverossimil; mas, mesmo que a ameaça fosse verdadeira, julgará alguém que ella nos intimidaria? que nos faria recuar um passo no caminho da verdade? que nos obrigaria a afastarmo-nos uma linha da norma por nós adoptada de combater pela moral e pela justiça?

Não! mil vezes não! Se alguém o julgar é porque não nos conhece.

Já o dissemos e repetimos; nesta campanha não nos movem odios. Levantamos a questão porque vimos toda a imprensa local —por motivos que não discutimos—remetter-se a um silencio improprio da sua nobre missão, perante o sacrificio de uma pobre senhora indefesa, mãe de sete filhinhos a que se pretende tirar o pão, uma professora intelligente, zelosa e cumpridora dos seus deveres.

Todos que nos lêem sabem que não somos jornalista nem presumimos ter qualidades de escriptor. Simplez e obscuro curioso nas letras, só apparecemos na imprensa quando impulsionados por um sentimento de funda indignação, que nos inspiram todos os acontecimentos em que vemos maltratada a moral, a justiça e a equidade, sem que as victimas encontrem apoio nessa mesma imprensa, que nós desejaríamos ver sempre ao lado dos fracos e desprotegidos contra a prepotencia dos tyrannos, porque só assim os jornalistas têm jus ao respeito e á consideração do publico!

Longe de nós a ideia de querer censurar alguém. Não se pense mesmo, que pretendemos chamar em nosso apoio a imprensa local.

Não é a primeira vez que nos encontramos isolado no combate e sentimo-nos bem assim, porque pugnando pela boa causa temos sempre um forte apoio, — o da opinião publica.

E hoje, sabêmo-lo, a opinião publica está connosco; temos o apoio moral de todos os vimezanenses honrados e de todos os homens de coração.

E' quanto nos basta!

Continuemos, pois.

No capitulo — ordenados — apenas em fevereiro do anno em que entramos, 1908, — anno fatidico e de vergonhosa memoria para os portuguezes — o subinspector cortou um dia de vencimento á professora Miranda de Barros. No dia 1.º — o tal em que o telegrapho assombrou de pasmo o mundo inteiro noticiando a selvageria do Terreiro do Paço, — as creanças da escola central pediram á professora dispensa da aula de labores. Era um sabbado; a professora não accedeu completamente ao pedido das alumnas, mas deu por findos os trabalhos desse dia, uma hora mais cedo.

Entendeu o sr. Justino Ferreira que a professora não tinha direito a vencimento nesse dia e cortou-lho!

A partir deste mês, por falta de pretexto, que não por falta de vontade, o subinspector consente que a professora receba os seus ordenados; mas a perseguição reveste outra forma mais grave ainda.

A casa para a escola central fôra approvada por s. ex.º como tendo todas as condições indispensaveis ao fim a que era destinada.

Mas em 16 de fevereiro, quatro meses depois de installada a escola, o subinspector communicou á professora Miranda de Barros que devia pôr o edificio á disposição dos operarios que iam

proceder á adaptção do mesmo para Escola Central. Duraram as obras desde fevereiro a julho e durante este tempo consentiu o subinspector que as aulas funcionassem, ora num, ora noutro compartimento, no meio duma desordem e barafunda faceis de imaginar num predio em obras, com os operarios a atravessarem continuamente por entre as alumnas, com um barulho de ensurdecer, etc...

Pois a tudo a professora se sujeitou sem uma observação, sem uma queixa, procurando tudo harmonizar, desprezando os encómmodos pessoas e prejuizos materiaes, que eram grandes, visto habitar com sua familia no mesmo edificio. Tudo soffreu com resignação para não dar azo a descontentamentos do subinspector.

Mas não era este procedimento da professora, que s. ex.º esperava e desejava para os seus fins!

Assim, no dia 21 de maio encontrou a professora alguns compartimentos fechados.

Perguntou ao encarregado das obras quem mandara fechar aquellos compartimentos e foi-lhe respondido por este, que por ordem do proprietario do edificio tinham sido fechados aquellos e todos os outros o seriam, á medida que fossem sendo reparados.

E' claro que por este processo, a professora chegaria a não ter habitação nem onde exercer as suas funções escolares!

Por esta razão, a professora dirigiu ao subinspector um officio communicando o facto e pedindo providencias, em termos delicados e extremamente respeitosos.

Pois vamos dar aos leitores uma amostra do officio que, em resposta, a professora recebeu do seu superior e cremos que ninguém duvidará mais—se alguém tinha duvida — do proposito evidente do sr. Justino Ferreira em desconsiderar, vexar e levar até á irritação de espirito, que compromette, uma subordinada a quem quer inutilizar e fazer perder o seu logar:

«Tendo recebido o seu officio n.º 18 de 21—5—1908, lamento que V. S.ª seja persistente em me dar informações falsas. E' falso estar a casa fechada á ordem do sr. F... (omittimos o nome do proprietario, por que s. ex.º, a quem muito consideramos, nada tem com os odios do sr. Ferreira) como V. S.ª relata; está, mas á minha ordem a fim de que se conserve no estado de asseio e limpeza em que actualmente se encontra, na occasião em que houver de inaugurar-se a escola central, pois seria muito de lastimar que assim não acontecesse, visto que as pessoas por V. S.ª incumbidas d'esse trabalho, pela sua baixa condição e pobreza, não o podem executar convenientemente.

E a tal respeito lembro-lhe que não pode ceder a sua habitação a pessoas estranhas e que deve intimar immediato despejo a essas pessoas.

Muito folgarei que V. S.ª de futuro, não persista nas suas falsas informações pois que uma senhora e demais a mais professora, tem como ninguém o dever de ser verdadeira para assim se desempenhar da sua missão.

Não se educa impondo preceitos mais ou menos dogmaticos; educa-se pelo exemplo, pelo cumprimento restricto de todos os deveres, pela boa educação em-fim.

Espero pois que de futuro as minhas ordens serão fielmente executadas para evitar dissabores.»

Sempre leaes, declarámos que não pudemos ver o original deste officio, que existe no archivo da escola, numerado e registado.

Mas, se é exacta, como cremos, a copia que nos foi mostrada, este documento é uma prova es-

magadora da falta de correcção e delicado respeito que todo o homem deve ter para com senhoras e mostra bem que o subinspector, descendo ao insulto e á ameaça a uma senhora sua subordinada, está dominado por um sentimento de odio, improprio dum funcionario probo e... medianamente educado!

Um chefe que insulta os subordinados perde o direito ao seu respeito e á consideração publica; e se esse subordinado é uma senhora o insultador não tem qualificação.

Por que fica moralmente desqualificado aquelle que insulta quem não pode desforçar-se!

Um chefe que ameaça perde a sua auctoridade, porque a ameaça é o pródromo da perseguição e da vingança; e a perseguição e a vingança sam vicios deprimentes de quem os pratica, diametralmente oppostos ao exercicio da auctoridade, que só deve inspirar-se na justiça e equidade.

Havemos de fazer mais detida analyse deste documento, que hoje deixamos á meditação dos leitores; e trataremos então da repugnancia do subinspector pelo ensino dogmatico. E quanto á educação pelo exemplo, que s. ex. preconiza, talvez nos seja facil provar que mais uma vez se realisa o adagio — Bem prega frei Thomaç...

Lá chegaremos e facil será tambem demonstrarmos a verdade deste outro rifão popular—*Quem tem telhados de vidro...* Até ao proximo numero.

Pereira do Paço.

«Prefiro o testemunho da minha consciéncia a quanto se possa dizer de mim.»

Cicero.

Qual é a minha vocação

II

O que devo aconselhar ácerca da escolha do estado?

CONVERSAS de Theophilo com um missionario

II

DO ESTADO DE VIDA COMMUM

VI conversa. — DA VIUVEZ

O missionario. — Nós temos percorrido ambos os diversos graus do estado commum da vida christã. Só passei em silencio a viuvez, que segue de perto o celibato e a virgindade.

Theophilo. — Eu vos peço, meu Padre, não omittais nada; eu de-sejo instruir-me a fundo.

O missionario. — Seja; mas não me estenderei longamente. E' certo que é permittido aos que estão na viuvez tornar a casar. As segundas nupcias seriam obrigatorias para aquelles que, vivendo duma maneira culpavel na viuvez, não quizessem tomar outros meios de guardar a castidade; mas fóra deste caso e doutros muitos raros, as segundas, terceiras e até as oitavas nupcias, para fallar como S. Jeronymo, não sam nem mandadas nem prohibidas.

Theophilo. — Serám de conselho?

O missionario. — Não, certamente; ellas sam simplesmente permittidas.

Theophilo. — Portanto é de conselho ficar na viuvez?

O missionario. — Sim; é melhor e mais feliz guardá-la que entrar de novo no matrimonio; é a doutrina de S. Paulo e dos santos Padres.

Theophilo. — As pobres viúvas têm necessidade de apoio...

O missionario. — O Senhor mesmo toma na mão a sua causa, diz S. Ambrosio. Ellas tambem têm procuradores, responde o mesmo Padre; e a castidade é um patrimonio de maior preço que o ou-

tro: a viúva conserva-o melhor que a mulher casada. E as viúvas não digam que casam por causa dos filhos, pois que assim lhes tiram a mãe. S. Jeronymo nota com razão que as segundas nupcias dam aos filhos, não um pae ou uma mãe, mas um inimigo.

Theophilo. — E' o que o mundo mesmo comprehende.

O missionario. — Eu acabo pois, Theophilo, esta curta conversa pelas palavras de S. João Chrysostomo: «Ainda que o estado da viuvez é o mesmo para todos os que o abraçaram, as recompensas sam diversas, mais brilhantes para alguns, menos brilhantes para os outros.» Quando uma pessoa se submete novo ao jugo da continencia, merece mais honra e gloria do que quando o aceita só na velhice. Em outra conversa começaremos a fallar do estado de perfeição.

(Continua.)

«O castigo entra no coração do homem no momento em que elle commette o crime.»

Hesiodo.

Noticiario

Grande Peregrinação á Penha. — Deve revestir uma magnificencia extraordinaria a devota Peregrinação á gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na Penha, a qual sairá no proximo domingo, pelas 6 horas da manhã, do templo dos Santos Passos.

O programma é o seguinte: A peregrinação organizar-se-ha no largo fronteiro á igreja do Campo da Feira, e as corporações que nella tomarem parte devem apresentar-se ás 6 horas, indo já incorporadas desde as suas sédes. Segue o itinerario dos outros annos.

Em frente á casa do motor haverá uma pequena paragem para se proceder á benção das aguas, cuja inauguração se fará immediatamente.

A chegada da peregrinação será celebrada uma missa em altar levantado á porta da capella.

Em seguida proferirá uma breve allocução o rev. João Magro, Abbade de S. João de Airão, no fim da qual todas as corporações desfilarám deante da gruta da Virgem de Lourdes.

A's 3 horas da tarde será ben-zida solemnemente a pedra fundamental do novo templo, sendo celebrante o rev. Conego dr. Manuel Moreira Junior, digno arcepreste.

Nota-se um grande enthusiasmo não só entre os differentes Apostolados da Oração do concelho, como tambem entre as associações civis que, largamente representadas, vam tomar parte nessa imponente e deslumbrante manifestação de fé promovida pelas congregações de Nossa Senhora, desta cidade.

A Penha, pois, no domingo, todos os devotos da Virgem!

Asylo de Santa Estephania. — Relação das es-molas particulares entregues no Asylo de Santa Estephania, durante o mês de maio de 1910:

Da Ex.^{ma} Snr.^a D.^a Luiza Cardoso Macedo Martins de Menezes, para ajuda dos banhos das meninas, 30.000 réis; Um anonymo, para ajuda dos banhos das asy-ladas, 5.000 réis; Condessa de Margaride, dois cestos de laran-jas; D. Maria José Amaral Fer-rão, para suffragar a alma do seu saudoso marido snr. dr. Ferrão, 5.000 réis; Dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, 9 kilos e meio de carne; Domingos de Sousa Vi-nagreiro 15 kilos de peixe.

Conferencia no Circulo Catholico. — Não nos tendo sido possivel assistir á conferencia, realizada no ultimo domingo, no Circulo Catholico S. José e S. Damaso, desta cidade, pelo rev.^{mo} snr. João de Mesquita, damos em seguida o extracto publicado no nosso collega portuense *A Palmaria*:

Presidiu o snr. dr. João Rocha dos Santos, distincto advogado nos auditorios desta comarca, tendo como secretarios os snrs. Conde de Margaride e Capitão Pereira do Paço.

O snr. presidente, num discurso brilhante, fez a apresentação do conferente, de quem faz um elogio rasgado, enaltecendo as suas virtudes e o seu talento, isto depois de ter agradecido á direcção do Circulo a honra que lhe havia dado da presidencia.

Toma depois a palavra o conferente. Agradece as palavras que lhe dirigiu o snr. presidente, depois do que entra no assumpto—*Liberalismo*.

Apresenta o illustre orador a definição na sua essencia e a razão philosophica, segundo a encyclica «*Libertas*» de Leão XIII.

Conforme essa definição, disse o erudito orador, consiste na negação inteira do direito de Deus sobre o homem, direito nascido do dominio absoluto do mesmo Deus, como Creador e Senhor, sobre todas as creaturas. Estabelece admiravelmente a differença entre *liberalismo*, *liberalidade* e *liberdade*, a que muitos, por ignorancia ou má fé, dam a mesma significação.

Descreve depois, muitissimo bem, os males, como sejam: perverter a sociedade, afastando della o influxo da Igreja; impedir toda a influencia desta sobre aquella. Num tempo, em que como neste só se falla de *liberdade*, diz o intelligente orador, é quando mais campeiam a escravidão e a tyrannia. Quando esses apóstolos da liberdade mais se esforçam em proclamá-la, é que nós, os catholicos, nos vemos mais impedidos de manifestar as nossas convicções, esforçando-se porque essas convicções não passem além do santuario das nossas consciências. Qual é o nosso dever? Luctar com brio, diz o orador. Esse é o dever de todos os que na hora presente se prezam do nome de catholicos; dever que de um modo particular incumbe a uma aggremação, cuja denominação é: «Circulo Catholico de Operarios». Tal dever infere-se dessas tres palavras: Nesta collectividade todos devem ser operarios, isto é, dirigentes e socios. Todos devemos ser operarios, porque só assim cumpriremos a vontade dos Summos Pontifices e alcançaremos para a Igreja a liberdade de que carece e dias mais felizes para a nossa triste e quasi moribunda Patria.

O illustre orador, que agradou muitissimo, foi, por vezes, applaudido freneticamente.

No final, o snr. presidente agradeceu ao snr. Padre Mesquita a sua brilhante conferencia, que mais uma vez veiu confirmar os seus reconhecidos dotes oratorios, estendendo esse agradecimento aos socios e senhoras que compareceram.

Assistiram, além da direcção, muitos socios e senhoras.

Exames de pharmacia. — A escola de pharmacia de Lisboa que foi consultada sobre se terminam ou não de todo os chamados exames do periodo transitorio ou de pharmaceutico de 2.^a classe no corrente anno, respondeu que para os praticantes de pharmacia, ao abrigo do artigo 20 da lei de 19 de julho de 1902, não ha tempo de periodo transitorio, podendo portanto fazer exames em qualquer epoca.

Sorteio. — Os graphicos da Typographia Minerva Vimaranesse pedem-nos para prevenir todos os possuidores de bilhetes da rifa que promovem, para com o seu producto fazerem uma bandeira para a classe, que o sorteio se realizará no dia 7 de julho proximo, pela loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

O primeiro premio, que consta da obra, em 2 volumes, *Historia do Cerco do Porto*, pertencerá ao n.^o em que sair a sorte grande; o segundo premio, *O Paraíso Perdido*, caberá ao n.^o em que sair a immediata; e o terceiro, *O Rabbi da Galiléa*, será para o n.^o em que sair o terceiro dos premios maiores, numeros que aqui publicamos em seguida á extracção, para conhecimento dos interessados.

Promoção. — Foi ultimamente promovida á 2.^a classe a snr.^a D. Ermelinda de Sousa Machado, professora da escola central de Guimaraes.

Camara municipal. — Foi approvedo o 2.^o orçamento supplementar da camara municipal de Guimaraes, na importancia de 1:910.000 reis, cuja despesa é destinada ao pagamento das obras de melhoramento do caminho que atravessa as freguesias de Tagilde e S. Faustino de Vozella.

Tambem foi superiormente approvedo o orçamento da camara municipal de Guimaraes, na importancia de 1:420.000 reis, para obras de reparação e melhoramentos no caminho municipal entre os logares de Athim e Cruzeiro, da freguesia de Infias.

Aposentação. — A secção permanente do conselho superior de instrucção publica approvedo o parecer favoravel á aposentação do subinspector do circulo escolar de S. Pedro do Sul, snr. João de Azevedo Ramos Paz, ex-subinspector do circulo escolar de Guimaraes.

Exames. — Por ordem superior os alumnos do Collegio de Santa Quitéria, do concelho de Felgueiras, foram mandados admittir a exame no lyceu desta cidade.

Funcionarios publicos. — Os funcionarios das secretarias da administração e da camara municipal deste concelho enviaram ha dias ao snr. ministro do reino uma representação, solicitando augmento de vencimentos, visto s. ex.^a estar tratando da reforma do Codigo Administrativo.

Mercado semanal

No ultimo mercado semanal venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo	1.7040
Centeio	620
Milho alvo	1.7050
Milhão branco	760
» amarelo	720
Feijão vermelho	1.7300
» branco	1.7250
» amarelo	1.7050
» rajado	960
» fradinho	1.7100
Vinho tinto	400
Aguardente	3.7000
Azite	7.7200
Batatas	500
Ovos, duzia	140
Gallinhas, uma	600

Igreja a concurso. — Está a concurso a igreja de S. Lourenço de Sande, concelho de Guimaraes.

ANNUNCIOS

Pensionato Academico GUIMARÃES

Rua de S. Domingos

Este estabelecimento de educação e ensino admitte alumnos internos, semi-internos e externos, sendo leccionados em instrucção primaria e secundaria e nas disciplinas do curso commercial por professores com longa pratica de ensino. Os alumnos confiados a esta casa são matriculados no Lyceu, sendo acompanhados ás aulas por prefeitos de confiança da direcção. No Pensionato teem explicação das lições ou aulas, consoante as condições em que o alumno se matricular.

A disciplina é suave e ao alcance de todas as idades.

A alimentação é abundante, sadia e bem cuidada, como o affirmam dezenas de familias, que nos teem confiado seus filhinhos.

Os alumnos, quando doentes, são alvo de um cuidado especial.

As refeições são sempre quatro: almoço, jantar, merenda e ceia.

A annuidade é apenas de reis 100.000.

Para mais esclarecimentos envia o programma a quem o pedir á direcção.

O Director,

LUIZ GONZAGA PEREIRA.

Francisco de Faria

Solicitador encartado GUIMARÃES

Escritorio—Largo do Toural, 66

onde pode ser procurado das 9 horas da manhã ás 4 da tarde e fora destas horas em sua casa na rua de D. Luiz 1.^o n.^o 26.

CHAPELARIA

E

GRAVATARIA DA MODA

DE

Manuel C. Martins

Praça D. Affonso Henriques, Guimaraes.

Grande sortido de chapéus e bonets para homem e creança. **Artigos Militares.** Gravatas escolhidas; sempre novidade. Botões para punhos e collarinhos. Postaes illustrados etc., etc. Concer-ta-se toda a qualidade de chapéus.

A Restauração



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Officio da Immaculada Conceição

Texto portugues' com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ideo á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso 30 rs. franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remettidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.
1.^a vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,"

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, cappião de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.^o 284

Ex.^{mo} Snr.